

# O Palestinianismo Cristão

Paul Richard Wilkinson



\* Extraído com permissão autoral do livro “For Zion’s Sake” (Por Amor de Sião), de Paul Richard Wilkinson.

\*\* O referido livro foi recentemente relançado com o título “Understanding Christian Zionism”.

## CAPÍTULO 2 O PALESTINIANISMO CRISTÃO

### *Introdução*

À medida que o sionismo cristão ganhava impulso, surgiu, em paralelo, um movimento relativamente novo, de vasta amplitude intelectual, antissionista e professadamente cristão, ao qual denominei palestinianismo cristão. Eis algumas declarações significativas de sua ideologia:

É... total falta de entendimento da história da salvação e também grave deturpação do plano de Deus para o cristão desejar o restabelecimento da nação judaica como entidade política autônoma. A consciência cristã deve discernir a vocação autêntica do povo judeu e o outro lado da moeda, ou seja, o Estado de Israel racista (*The Institute for Palestine Studies*, 1970).<sup>1</sup>

Nós rejeitamos categoricamente as doutrinas sionistas cristãs como ensinos falsos que corrompem a mensagem bíblica de amor, justiça e reconciliação... Advertimos com urgência que o sionismo cristão e suas alianças justificam a colonização, o *apartheid* e a edificação do imperialismo (*The Jerusalem Declaration on Christian Zionism*, 22 de agosto de 2006).<sup>2</sup>

O sionismo cristão... busca abertamente usar a causa sionista judaica para construir sua própria realidade teológica e política, e isso com consequências nefastas. A visão de mundo sionista cristã produz resultados catastróficos para uma paz religiosamente integrada e duradoura no Israel da Palestina... O sionismo cristão retrata um Deus injusto, com um povo injusto... [e]... busca excluir, expulsar e, possivelmente, eliminar

---

<sup>1</sup> Jean Corbon et al., “What Is Required of the Christian Faith concerning the Palestine Problem: A Memorandum by a Group of Middle Eastern Theologians,” in *Christians, Zionism and Palestine: A Selection of Articles and Statements on the Religious and Political Aspects of the Palestine Problem*, ed. *The Institute for Palestine Studies* (Beirute: The Institute for Palestine Studies, 1970), 74.

<sup>2</sup> Episcopal Diocese of Jerusalem, “*The Jerusalem Declaration on Christian Zionism*,” <http://www.j-diocese.com/DiocesanNews/view.asp?selected=238>, 2 de setembro de 2006.

tudo que for considerado estranho à sua causa (*General Assembly of the Church of Scotland*, maio de 2007).<sup>3</sup>

### **A Conversão de Stephen Sizer**

Embora Naim Ateek tenha praticamente fundado o palestinianismo cristão em 1994, ao inaugurar o Centro Ecumênico de Teologia Liberal Palestino, conhecido como Sabeel, nossa pesquisa começa com Stephen Sizer, ministro evangélico e ex-sionista cristão que lidera a campanha de propaganda pró-Palestina no Reino Unido. Sizer é descrito por John Rackley, presidente da União Batista da Grã-Bretanha, como “a maior autoridade sobre o fenômeno do sionismo cristão no Reino Unido hoje”, e, por Naim Ateek, como “um dos estudiosos mais respeitados do mundo no campo do sionismo cristão”.<sup>4</sup> A obra de Sizer serviu de base para o relatório feito pela Igreja da Escócia, o qual condenou o sionismo cristão e foi aprovado por sua assembleia-geral em maio de 2007.

Sizer descreve o sionismo cristão como “heresia perversa” e “uma interpretação errônea da *Bíblia*, submissa à agenda política do moderno Estado de Israel”.<sup>5</sup> Sendo signatário da campanha denominada B. I. G. (Boycott Israeli Goods — Boicote aos Bens de Israel), o envolvimento de Sizer com grupos como os Amigos de Al-Aqsa,<sup>6</sup> Comissão de Direitos Humanos Islâmicos, revista *Crescent International* e Muslim Association of Britain é um tanto perturbador quando consideramos que sua igreja faz parte da Aliança Evangélica.

Segundo seu próprio testemunho, Sizer cria no dispensacionalismo antes de se converter à causa palestina. Ele escreve:

Quando eu era um jovem cristão na Universidade de Sussex, na metade dos anos 1970, fui fortemente influenciado por líderes dispensacionalistas e sionistas cristãos como David Pawson, Tim LaHaye e Hal Lindsey. Eu devorei o *bestseller* *A Agonia do Grande Planeta Terra* (Lindsey, 1970) e ouvi pessoalmente suas palestras sobre escatologia e o livro de *Apocalipse* (Lindsey, 1983); era como se a *Bíblia* se tornasse literalmente verdade naquela geração... Minha “conversão” se deu em duas etapas.<sup>7</sup>

A primeira etapa da conversão de Sizer ao palestinianismo ocorreu na *Via Dolorosa* durante sua primeira visita a Israel, em 1990, quando foi informado por seu guia turístico messiânico de que não existia um povo palestino. A segunda etapa foi quando ouviu um “cristão palestino na vida real”,<sup>8</sup> Riah Hanna Abu El-Assal (hoje bispo anglicano de Jerusalém), falar sobre uma

---

<sup>3</sup> Church and Society Council, “*Christian Zionism: Hope or Despair?*”, [http://www.churchofscotland.org.uk/generalassembly/downloads/gareports07churchsociety .txt](http://www.churchofscotland.org.uk/generalassembly/downloads/gareports07churchsociety.txt), 24 de julho de 2007.

<sup>4</sup> Christ Church Virginia Water, “*Published Writings of Stephen Sizer: Commendations*,” <http://www.christchurch-virginiawater.co.uk/articles/ivp.html>, 7 de junho de 2006.

<sup>5</sup> Stephen R. Sizer, “*Christian Zionism: A British Perspective*,” in *Holy Land Hollow Jubilee: God, Justice and the Palestinians*, Naim Ateek e Michael Prior, eds. (London: Melisende, 1999), 196.

<sup>6</sup> Stephen R. Sizer, “*Christian Zionism and Its Impact on Justice*,” *Al-Aqsa Journal*, 3.1 (outubro, 2000), 9.

<sup>7</sup> Stephen R. Sizer, “*The Promised Land: Palestine and Israel*,” in *They Came and They Saw: Western Christian Experiences of the Holy Land*, ed. Michael Prior (London: Melisende: 2000), 144-45.

<sup>8</sup> Stephen R. Sizer, *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?* (Leicester: Inter-Varsity Press, 2004),

igreja “palestina” nativa. De acordo com Sizer, foi a partir daí que o conflito israel-palestino começou a “fazer sentido”,<sup>9</sup> levando-o a estudar livros escritos por destacados cristãos palestinos. Em 1991, ele acompanhou Garth Hewitt, do Amós Trust, numa turnê de concertos de igrejas em Jerusalém e na “Cisjordânia”. Essa e outras turnês ajudaram-no a moldar sua recém-descoberta teológica, levando-o a “aprofundar amizades”<sup>10</sup> com Naim Ateek (Sabeel), Jonathan Kuttab (advogado palestino de direitos humanos), Audeh Rantisi (Evangelical Boys Home, Ramallah), Bishara Awad (Bethlehem Bible College), Elias Chacour (Prophet Elias School, Ibillin) e Tom Getman (Visão Mundial).

A experiência de Sizer com a “típica hospitalidade palestina”, “os interrogatórios invasivos e rigorosos da equipe de segurança israelense no aeroporto Ben Gurion” e uma pesquisa de pós-graduação sobre o impacto do turismo à Terra Santa sobre o povo palestino combinaram-se para aprofundar sua afinidade com esse povo e destruir suas “ingênuas visões sionistas adquiridas anteriormente”.<sup>11</sup> Suas novas crenças logo se manifestaram numa história fotográfica da Terra Santa, cujo prefácio foi escrito por Riah Abu El-Assal.<sup>12</sup> A crescente convicção de que os cristãos palestinos estavam “ameaçados de extinção”<sup>13</sup> motivou sua tese de doutorado publicada em 2004 com o título *Christian Zionism: Road-map to Armagedom?* Os revisores do livro de Sizer — que o apresentaram como a obra “mais importante e abrangente sobre o tema até então” e como o “tratamento acadêmico para neutralizar o pacote de profecias raivosas” — condenaram o sionismo cristão como “pernicioso”, “uma total ameaça antibíblica”, “uma poderosa força que encoraja a destruição de milhões de pessoas” e “um dos mais perigosos e heréticos movimentos do mundo que alimentam o conflito árabe-israelense”.<sup>14</sup>

Sizer descreve seu próprio livro, *Christian Zionism: Road-map to Armagedom?*, como “uma definitiva refutação crítica”<sup>15</sup> da teologia sionista cristã. Porém, sua refutação falha em vários aspectos:

1. A revisão do sionismo é inadequada e falha em explicar as complexidades do pensamento judaico ao longo dos séculos.
2. A escolha do ano de 1800 como data inicial de sua pesquisa sobre o sionismo cristão é tardia demais. Ao fazer isso, o autor dá pouca atenção aos escritos formativos do século 17 e a obras importantes publicadas durante a segunda metade do século 18.
3. A obra depende muito de fontes secundárias.
4. O autor não consegue distinguir a base premilenista do sionismo cristão do pós-milenismo, chegando a retratar Charles Simeon, um evangélico do século 19, como premilenista e pós-milenista.
5. Sua definição de sionismo cristão como “uma forma política de filossemitismo” confunde os atos benevolentes em favor dos judeus com um resultado específico da teologia bíblica.

---

<sup>9</sup> Sizer, “*The Promised Land*,” 146.

<sup>10</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 10.

<sup>11</sup> Sizer, “*The Promised Land*,” 147-50, 159.

<sup>12</sup> Jon Arnold e Stephen R. Sizer, *A Panorama of the Holy Land* (Guildford: Eagle, 1998), 80.

<sup>13</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 13.

<sup>14</sup> Christ Church Virginia Water, “*Published Writings*,” 7 de junho de 2006.

<sup>15</sup> Sizer, “*The Promised Land*,” 160.

6. Sua descrição do sionismo cristão como um “apoio cristão ao sionismo”<sup>16</sup> é incorreto e enganoso.

O livro de Sizer, *Zion's Christian Soldiers? The Bible, Israel and the Church*, publicado em 2007, foi uma nova tentativa de desacreditar o sionismo cristão. Um dos convidados para recomendar a obra foi Kenneth Cragg, ex-assessor do bispo anglicano de Jerusalém. Em sua recomendação, Cragg sugere, de forma bem grosseira, que “*Pervertidos Cristãos de Sião* seria talvez um título mais sábio”.<sup>17</sup>

### **Anseio pelo Armagedom**

Donald Wagner, ministro presbiteriano e cofundador da organização Evangelical for Middle East Understanding (EMEU), também experimentou uma radical transformação em duas etapas de “Sião para a Palestina”. Afirmando ser um “ex-sionista” e “ex-apoiador do Estado de Israel”, ele desiludiu-se com o sionismo cristão após ouvir uma palestra de Ibrahim Abu-Lughod, do Conselho Nacional da Organização para Liberação da Palestina. Wagner diz lembrar como a palestra de Abu-Lughod “interrompeu minha caminhada”. Reuniões posteriores com os “principais dirigentes da OLP” (Organização para a Libertação da Palestina)<sup>18</sup> selaram sua conversão ao palestinianismo.

Wagner é descrito como “provavelmente o mais apaixonado e eficiente porta-voz dos cristãos palestinos”.<sup>19</sup> Em seu livro *Peace or Armagedom?* (1993) ele alega que o sionismo cristão “vive de guerra e conflito”,<sup>20</sup> e no livro *Anxious for Armagedom* (1995) ele acusa os sionistas cristãos de nutrir obsessão pela batalha final predita na *Bíblia*. Wagner recorre ao apoio do teólogo evangélico John Stott, que classifica a profecia “entre os assim chamados ‘assuntos pouco importantes’”<sup>21</sup> e descreve o sionismo cristão como “biblicamente insustentável”<sup>22</sup> e um “anátema para a fé cristã”.<sup>23</sup> Stephen Sizer, Munib Younan, Dan Cohn-Sherbok, Grace Halsell e Irvine Anderson têm adotado a terminologia de Wagner, denunciando o sionismo cristão como a “teologia do Armagedom”<sup>24</sup> e os sionistas cristãos como “intrínseca e patologicamente ‘ansiosos pelo Armagedom’”.<sup>25</sup> Do mesmo modo, Victoria Clark retrata o sionismo cristão como “uma ideologia de armas de fogo, fixada no Armagedom,”<sup>26</sup> enquanto Barbara Rossing

---

<sup>16</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 35-36, 41, 57, 152, 19.

<sup>17</sup> *Friends of Al-Aqsa*, [http://www.aqsa.org.uk/page\\_detail.aspx?id=357](http://www.aqsa.org.uk/page_detail.aspx?id=357), 8 de maio de 2007.

<sup>18</sup> Donald Wagner, “*From Zion to Palestine: A Journey from Christian Zionism to Justice in the Holy Land*,” in *Prior, They Came and They Saw*, 199, 203-5.

<sup>19</sup> Weber, *On the Road to Armageddon*, 248.

<sup>20</sup> Dan O'Neill and Don Wagner, *Peace or Armageddon? The Unfolding Drama of the Middle East Peace Accord* (London: Marshall Pickering, 1993), 97.

<sup>21</sup> John Stott, “*Foreword*,” in *The Land of Promise: Biblical, Theological and Contemporary Perspectives*, Philip Johnston e Peter Walker, eds. (Leicester: Apollos, 2000), 10.

<sup>22</sup> Quoted in Donald Wagner, “*Beyond Armageddon*,” *The Link*, 25.4 (Oct-Nov, 1992), 7, [http://www.ameu.org/uploads/vol25\\_issue4\\_1992.pdf](http://www.ameu.org/uploads/vol25_issue4_1992.pdf), 7 June 2006.

<sup>23</sup> Quoted in Wagner, *Anxious for Armageddon*, 80.

<sup>24</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 23; Munib Younan, *Witnessing for Peace: In Jerusalem and the World* (Minneapolis, MN: Augsburg Fortress, 2003), 92-93; Dan Cohn-Sherbok, *The Politics of Apocalypse: The History and Influence of Christian Zionism* (Oxford: Oneworld Publications Limited, 2006), xii; Grace Halsell, *Forcing God's Hand: Why Millions Pray for a Quick Rapture...and Destruction of Planet Earth* (Beltsville, MD: Amana Publications, 2003), viii; Irvine H. Anderson, *Biblical Interpretation and Middle East Policy: The Promised Land, America, and Israel, 1917-2002* (Gainesville, FL: University Press of Florida, 2005), 41. .

<sup>25</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 183.

<sup>26</sup> Victoria Clark, *Allies for Armageddon: The Rise of Christian Zionism* (New Haven, CT: Yale University Press, 2007), 256.

descreve o Armagedom como “o evento pelo qual os dispensacionalistas anseiam mais que tudo”.<sup>27</sup> Naim Ateek descreve o sionismo cristão como “o pior antissemitismo que existe”, destacando que seu objetivo “é levar o povo judeu para Israel a fim de ser aniquilado ou convertido à fé cristã”.<sup>28</sup>

O advogado judeu David Brog defende os sionistas cristãos contra essas venenosas e insustentáveis acusações argumentando que afirmações do tipo ignoram a centralidade da teologia de *Gênesis* 12.1-3 para o sionista cristão, texto que inclui a ordem implícita de abençoar o povo judeu. Brog descarta o movimento contra o sionismo cristão como “uma caricatura”, uma “lenda urbana” e uma “*smoking gun*”, ou seja, uma prova plantada para acusar alguém falsamente de praticar um crime.<sup>29</sup>

### **Apartheid Sionista**

Os proponentes do palestinianismo cristão são hábeis na arte da criação de “rótulos”. Associando Israel a palavras como “*apartheid*”, “limpeza étnica”, “genocídio”, “massacre” e “ocupação”, eles têm obtido sucesso em fazer a cabeça de muitas pessoas contra o povo judeu. Esses rótulos são parte integrante do vocabulário palestino e são predominantes na mídia árabe anti-Israel.<sup>30</sup> Em seu livro *Israel: An Apartheid State* (1987), Uri Davis antecipa avidamente “o desmantelamento do Estado de Israel como Estado judeu”. Ele descreve a maneira de Israel lidar com os palestinos como “*apartheid* sionista”,<sup>31</sup> alegando ser um *apartheid* mais radical e abrangente que seu correspondente sul-africano. Rosemary Radford Ruether segue no mesmo caminho, sugerindo que, na assinatura do *Acordo de Oslo*, em 1993, Israel tentou “negociar os termos da rendição dos palestinos com um esquema israelense de *apartheid* colonialista”.<sup>32</sup> Stephen Sizer, de modo semelhante, acusa as organizações cristãs que apoiam o povo judeu de oferecer “um apoio intransigente e partidário pelo qual se mantém um *Estado de apartheid*”.<sup>33</sup> Ao igualar as políticas israelenses com a política repressiva de segregação racial da África do Sul, Donald Wagner tem obtido apoio internacional à causa palestina.<sup>34</sup> Desmond Tutu, patrono da Sabeel, tem ajudado no avanço dessa causa, construindo as seguintes comparações:

Eis que, infelizmente, temos um *apartheid* em Israel... De alguma forma, o governo israelense é colocado num pedestal nos EUA e criticar isso nos faz ser imediatamente rotulados como antissemitas. As pessoas ficam amedrontadas nos EUA... porque o *lobby* a favor de Israel é poderoso — muito poderoso. Bem, e daí? ... O governo de *apartheid* era muito poderoso, mas hoje não existe mais. Hitler, Mussolini, Stalin,

---

<sup>27</sup> Barbara R. Rossing, *The Rapture Exposed: The Message of Hope in the Book of Revelation* (New York: Basic Books, 2004), 12, 138, 47.

<sup>28</sup> Naim Ateek, “Introduction,” in *Challenging Christian Zionism: Theology, Politics and the Israel-Palestine Conflict*, Naim Ateek, Cedar Duaybis, and Maurine Tobin, eds. (London: Melisende, 2005), 17.

<sup>29</sup> Brog, *Standing with Israel*, 82, 183-84.

<sup>30</sup> Neill Lochery, *Why Blame Israel? The Facts Behind the Headlines* (Cambridge: Icon Books, 2004), 3.

<sup>31</sup> Uri Davis, *Israel: An Apartheid State* (London: Zed Books Ltd., 1987), xi, 26, 60.

<sup>32</sup> Rosemary Radford Ruether e Herman J. Ruether, *The Wrath of Jonah: The Crisis of Religious Nationalism in the Israeli-Palestinian Conflict*, 2nd ed. (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2002), xiv.

<sup>33</sup> Stephen R. Sizer, “Christian Zionism, True Friends of Israel?,” *Evangelicals Now*, dezembro (2000), 14.

<sup>34</sup> Wagner, *Anxious for Armageddon*, 178-79.

Pinochet, Milosevic e Idi Amim eram todos poderosos, mas, no fim, eles caíram e lamberam o pó.<sup>35</sup>

Jean Zaru, teólogo palestino, tenta forçar a ligação entre a luta de seu povo e o movimento dos direitos civis dos EUA, citando a “carta de Martin Luther King escrita em uma cadeia de Birmingham” (16 de abril de 1963).<sup>36</sup> Segundo Seymour Lipset, porém, Luther King expressou indignação ao ouvir um comentário antissionista na Universidade de Harvard, em 1968, ao qual ele replicou: “Quando as pessoas criticam os sionistas, elas se referem aos judeus. Você estão promovendo o antissemitismo!”.<sup>37</sup>

Esses métodos de estabelecer paralelos e associações são empregados de modo constante pelo palestinianismo cristão a fim de legitimar sua causa e demonizar o Estado judeu. São recursos usados com tremenda eficácia por Elias Chacour, o incontestável padrinho do movimento palestino cristão.

### **A Nazificação dos Judeus**

Elias Chacour é sacerdote palestino da Igreja Católica Grega (Melkita), fundador das Instituições Educacionais Mar Elias, na Galileia, consultor do Vaticano sobre as relações judaicas internacionais e bispo de Israel aprovado pelo Vaticano. Wagner alega que a autobiografia de Chacour, *Blood Brothers: A Palestinian's Struggle for Reconciliation in the Middle East* (1983), tem “tocado corações e aberto a mente de milhares de evangélicos sobre os cristãos na Terra Santa”.<sup>38</sup> Ao reescrever a história do conflito Israel-Palestino, o livro *Blood Brothers* abriu caminho para obras revisionistas semelhantes, escritas por Audeh Rantisi, Mitri Rahed e Riah Abu El-Assal.<sup>39</sup>

Em seu livro *We Belong to the Land* (1992), Chacour relembra como foi interrogado por um membro da equipe de segurança do Aeroporto Ben Gurion:

O tom estridente e arrogante de sua voz me causou arrepios... Esse tom sugeria a ideia de “palestino sujo e perigoso, que sequer pode ser considerado humano”. Hoje, nós palestinos somos vistos como sujos e perigosos, assim como o pai daquele policial foi chamado de “judeu sujo” há apenas 40 anos.<sup>40</sup>

Ao descrever a declaração de Chacour como “muito comovente”,<sup>41</sup> Stephen Sizer acusa Israel de praticar limpeza étnica no trato com o povo palestino, alegando que “o tratamento nazista dos judeus ilustra o grau de facilidade com que a difamação de um povo ‘inferior’ pode levar à

---

<sup>35</sup> Desmond Tutu, “Foreword,” in *Speaking the Truth: Zionism, Israel, and Occupation*, ed. Michael Prior (Northampton, MA: Olive Branch Press, 2005), 12.

<sup>36</sup> Jean Zaru, “Theologising, Truth and Peacemaking in the Palestinian Experience,” in Prior, *Speaking the Truth*, 189.

<sup>37</sup> Seymour Martin Lipset, “The Socialism of Fools: The Left, the Jews and Israel,” Encounter, (dezembro, 1969), 24, <http://www.wzo.org.il/en/resources/view.asp?id=1823>, 7 de junho de 2006.

<sup>38</sup> O'Neill and Wagner, *Peace or Armageddon?*, 88.

<sup>39</sup> Audeh G. Rantisi, *Blessed are the Peacemakers: The Story of a Palestinian Christian* (Guildford: Eagle, 1990); Mitri Raheb, *I Am a Palestinian Christian* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1995); Riah Abu El-Assal, *Caught in Between: The Extraordinary Story of an Arab Palestinian Christian Israeli* (London: SPCK, 1999).

<sup>40</sup> Elias Chacour, *We Belong to the Land* (London: Marshall Pickering, 1992), 3.

<sup>41</sup> Sizer, “The Promised Land,” 150.

recusa de seus direitos humanos e à racionalização de sua remoção ou erradicação”.<sup>42</sup> No dia 4 de julho de 2006, diante de uma plateia integrada por cristãos e judeus, incluindo sobreviventes do Holocausto, Sizer claramente igualou Israel à Alemanha nazista quando descreveu a política do Ministro Olmer como a “solução final”<sup>43</sup> para o problema palestino. Lynda Brayer sustenta igualmente que a política de limpeza étnica do regime nazista e as mais recentes atrocidades em Ruanda e nos Balcãs “fazem parte da ideologia sionista” e “de sua teoria e prática”.<sup>44</sup>

O precedente para essa nazificação dos judeus encontra-se na obra do historiador britânico Arnold J. Toynbee (1889-1975), que acusou os sionistas de expulsar os árabes palestinos de suas casas durante a Guerra da Independência de Israel, em 1948. Equiparando o sionismo “ao nazismo”, Toynbee declarou como “nos sionistas judeus eu vejo os discípulos do nazismo”, sugerindo que “o espetáculo de alguns judeus, embora poucos, seguindo os passos dos nazistas, é suficiente para levar o sensível expectador gentio ou judeu quase ao desespero”.<sup>45</sup>

A historiadora Regina Sharif, citada frequentemente por palestinos cristãos, inclui os nazistas em sua lista de não judeus sionistas. Ela assegura que, “tanto no nível prático como no teórico, os nazistas e os sionistas concordam entre si” e argumenta que “a pedra angular da teoria sionista... encontrou sua justificativa final na teoria nazista de supremacia racial”. Sharif fundamenta sua pesquisa histórica do sionismo não judaico na *Resolução 3379 da ONU* (10 de novembro de 1975), que declarou que o sionismo “é uma forma de racismo e discriminação racial”. Convém salientar que isso foi revogado pela *Resolução 4686* de 16 de dezembro de 1991. Sharif também alega que “sionismo, racismo e antissemitismo são todos parte de um mesmo fenômeno”<sup>46</sup>. Palestinos cristãos seguem o exemplo de Sharif apelando para resoluções e cartas da ONU para fortalecer sua posição. Sionistas cristãos, por outro lado, interpretam a ONU como “um bastião de ódio aos judeus” porque “sistematicamente escolhe Israel como alvo para tratamento punitivo”.<sup>47</sup>

### **A Acusação de Antissemitismo**

Grace Halsell, jornalista política e ex-funcionária da equipe de redação do presidente Lyndon B. Johnson, chama os sionistas cristãos de “espantalhos” em seu livro recém-revisado e muito citado, *Profecy and Politics: Militant Evangelists on the Road to Nuclear War* (1987). A fim de desacreditar os sionistas cristãos, Halsell focaliza o relacionamento de Israel com o falecido Jerry Falwell e sua “coalisão política”<sup>48</sup> conhecida como *moral majority*. Tendo estabelecido Falwell como o principal representante do sionismo Cristão, ela tenta sustentar seu argumento classificando-o como *farinha do mesmo saco*, junto com os malfadados televangelistas Jimmy Swaggert e Jim Bakker, assim como ao lado do líder de seita Jim Jones e das seitas apocalípticas suicidas, como a Ordem do Templo Solar, o Ramo Davidiano e os Portões Celestiais.<sup>49</sup> A jornalista Victoria Clark classificou o Ramo Davidiano (seita fundada em 1955,

---

<sup>42</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 245.

<sup>43</sup> Doreen Wachmann, “Anti-Israel Man Cut Down to Sizer,” *Jewish Telegraph*, 7 de julho (Manchester, 2006), 29.

<sup>44</sup> Lynda Brayer, “The Separation of Jerusalem from the West Bank and Gaza,” in, Naim Ateek, Cedar Duaybis e Marla Schrader, eds. (London: Melisende, 1997), *Jerusalem: What Makes for Peace? A Palestinian Christian Contribution to Peacemaking* 146.

<sup>45</sup> Arnold J. Toynbee, *A Study of History, Vol. XII: Reconsiderations* (London: Oxford University Press, 1961), 627-28.

<sup>46</sup> Regina S. Sharif, *Non-Jewish Zionism* (London: Zed Press, 1983), 5, 1, 76.

<sup>47</sup> Hunt, *Judgment Day*, 31.

<sup>48</sup> Simon, *Jerry Falwell and the Jews*, 108.

<sup>49</sup> Halsell, *Forcing God's Hand*, 9-10, 63.

em Waco, Texas, e que teve muitos de seus membros mortos em 1993) como “uma seita sionista cristã”.<sup>50</sup>

Halsell acusa os sionistas cristãos de adotar “o culto de um povo escolhido”,<sup>51</sup> de criar um “culto de adoração à Terra de Israel” e de adorar “um Deus tribal”. Ela aponta o Seminário Teológico de Dallas como a “nascente” de uma doutrina que ensina que “Deus não deseja que trabalhem em favor da paz, mas, em vez disso, exige que travemos uma guerra nuclear para destruir o planeta Terra”.<sup>52</sup> Em seu esforço para fortalecer a causa pró-palestina, ela acusa os sionistas cristãos de alimentar “um novo antissemitismo” com seu apoio a Israel. Ao *esticar* a definição de antissemitismo para abranger “outros semitas”,<sup>53</sup> que ela identifica como povos palestinos nativos, Halsell tem deturpado, de forma eficaz, o significado do termo *antisemitismo*, rompendo seu vínculo mundialmente aceito com o povo judeu.

### **A Lenda Bíblica**

O estudioso católico romano Michael Prior ocupa alta posição dentro do movimento palestino cristão. Apesar de alegar que já foi “muito favorável a Israel e ao empreendimento sionista”,<sup>54</sup> Prior passou seus últimos anos atacando o sionismo como “uma das mais perniciosas ideologias do século 20”. Afirmando que a narrativa da entrada de Israel em Canaã deve ser lida “sob o ponto de vista dos cananeus”,<sup>55</sup> descritos por ele como a “terceira parte inocente prestes a ser exterminada”,<sup>56</sup> Prior acusa o Israel atual de “limpeza étnica na Palestina, perpetrada contra sua população nativa não judaica”.<sup>57</sup>

Prior, além de implicar com a forma como os sionistas cristãos interpretam as *Escrituras*, também lança um ataque mordaz contra a própria *Bíblia*. Citando o que ele alega serem “textos bíblicos escandalosos”<sup>58</sup> cheios de ideologias ameaçadoras, racistas e xenófobas, dominados por tendências militaristas,<sup>59</sup> Prior argumenta que uma “leitura rigidamente literal”<sup>60</sup> da narrativa de Josué autoriza a limpeza étnica e o genocídio. De forma irreverente, ele descreve o Deus do sionista cristão como “o Grande Purificador Étnico, um genocida militarista e xenófobo, que não tem grandeza moral nem mesmo para se conformar aos requerimentos da *Quarta Convenção de Genebra*, ou a qualquer item dos protocolos de direitos humanos que tentam impor limites ao barbarismo”.<sup>61</sup> Assim, Prior revela total desprezo pela autoridade das *Escrituras*.

Essas declarações extremadas reduzem a distância entre o palestinianismo mais convencional de Sizer e Wagner e a escola ultraminimalista, representada por Keith Whitlam e Philip Davies, que ignora o valor da teologia e refuta a veracidade da história bíblica de Israel com

---

<sup>50</sup> Clark, *Allies for Armageddon*, 263.

<sup>51</sup> Grace Halsell, *Prophecy and Politics: Militant Evangelists on the Road to Nuclear War* (Bullsbrook: Veritas Publishing Company Pty. Ltd., 1987), 54.

<sup>52</sup> Halsell, *Forcing God's Hand*, 91, 113, 8, 114.

<sup>53</sup> Halsell, *Prophecy and Politics*, 55.

<sup>54</sup> Michael Prior, *Zionism and the State of Israel: A Moral Inquiry* (London: Routledge, 1999), xiii.

<sup>55</sup> Michael Prior, “*Studying the Bible in the Holy Land*,” in Prior, *They Came and They Saw*, 121, 127.

<sup>56</sup> Michael Prior, “*Zionism and the Bible*,” in Ateek e Prior, *Holy Land Hollow Jubilee*, 84.

<sup>57</sup> Michael Prior, “*Zionism and the Challenge of Historical Truth and Morality*,” in Prior, *Speaking the Truth*, 39.

<sup>58</sup> Prior, “*Zionism and the Bible*,” 83.

<sup>59</sup> Prior, *Zionism and the State of Israel*, 162-65.

<sup>60</sup> Prior, “*Zionism and the Bible*,” 81.

<sup>61</sup> Michael Prior, “*The Holy Land and the Scandalous Performance of the Churches*,” *Cornerstone*, 30 (Inverno, 2003), 6.



uma retórica tão ofensiva quanto a de Prior. Por exemplo, em seu livro *In Search of "Ancient Israel"* (1992), Davies sugere que, se Jeremias e Ezequiel não fossem figuras bíblicas, nós poderíamos retratá-los como "um traidor" e "um fanático pornográfico ou esquizofrênico",<sup>62</sup> respectivamente.

Prior reconhece sua dívida com o livro *The Invention of Ancient Israel* (1996),<sup>63</sup> de Whitelam, e, ao fazer isso, tenta validar o palestinianismo cristão vinculando-o ao mundo acadêmico. Whitelam argumenta que nenhuma diferença deve ser feita entre "cananeus" e "israelitas" e que Israel representa "apenas um fio da rica tapeçaria da história palestina".<sup>64</sup> A implicação é clara: a "Palestina" antecede "Israel". Palestinos cristãos exploram esse revisionismo bíblico ao retratar os palestinos de hoje como os "palestinos cananitas" que viviam na terra "bem antes da chegada dos primeiros hebreus"<sup>65</sup> e, ao fazer isso, tentam combater a reivindicação sionista cristã de que o povo palestino não possui nenhum direito histórico ou bíblico à Terra. Nas palavras de Michael Prior, a "lenda bíblica" da conquista de Israel assume um novo significado "quando se conhece seus modernos correspondentes, os palestinos".<sup>66</sup>

Pouco depois de muitas de suas declarações blasfemas serem feitas na 5ª Conferência Internacional Sabeel, em 2004, Michael Prior faleceu.

### ***Escondendo-se Atrás do Holocausto***

Os cristãos palestinos acusam Israel e seus aliados sionistas cristãos de brincar de "jogar a culpa no Holocausto",<sup>67</sup> escondendo-se atrás da "teologia do Holocausto", explorando a "vitimização" judaica e "chafurdando em culpa barata".<sup>68</sup> Kenneth Cragg denuncia friamente "a terrível autoridade do Holocausto" que, segundo ele, tenta "tornar injusto qualquer protesto palestino"<sup>69</sup> e concede a Israel "a garantia de inocência".<sup>70</sup> Paul Eisen, membro do comitê-executivo dos Amigos de Sabeel do Reino Unido, acusa Israel de adotar uma "atitude de eliminação"<sup>71</sup> para com os palestinos. Em sua dissertação, *The Holocaust Wars*, ele afirma que os palestinos "não enfrentam apenas a força do Estado de Israel, mas também o poder da comunidade judaica organizada no mundo inteiro e sua principal arma, o Holocausto".<sup>72</sup> É preocupante encontrar esse texto publicado num site dedicado ao prisioneiro neonazista e negacionista do Holocausto, Ernst Zündel.

---

<sup>62</sup> Davies, *In Search of "Ancient Israel"*, p. 45.

<sup>63</sup> Prior, *Zionism and the State of Israel*, 169.

<sup>64</sup> Whitelam, *The Invention of Ancient Israel*, 66-67.

<sup>65</sup> Jad Isaac, Marla Schrader, and Suhail Khalilieh, "The Colonisation of Palestine," in Ateek and Prior, *Holy Land Hollow Jubilee*, 122.

<sup>66</sup> Michael Prior, "A Perspective on Pilgrimage to the Holy Land," in Ateek, Duaybis e Schrader, *Jerusalem*, 129.

<sup>67</sup> Charles P. Lutz, "What's So Special about This Space?", in Charles P. Lutz and Robert O. Smith, *Christians and a Land Called Holy: How We Can Foster Justice, Peace, and Hope* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 2006), 31.

<sup>68</sup> Prior, "Zionism and the Bible," 71.

<sup>69</sup> Kenneth Cragg, *This Year in Jerusalem* (London: Darton, Longman & Todd, 1982), 129-31.

<sup>70</sup> Kenneth Cragg, *The Arab Christian: A History in the Middle East* (London: Mowbray, 1992), 28.

<sup>71</sup> Paul Eisen, "Jewish Power", Righteousjews.org, 19 de agosto de 2004, <http://www.righteousjews.org/article10.html>, 8 de junho de 2006.

<sup>72</sup> Paul Eisen, "The Holocaust Wars", The Zundelsite, 30 de maio de 2005, [http://www.zundel.org/zundel\\_persecuted/may20-05\\_eisen.html](http://www.zundel.org/zundel_persecuted/may20-05_eisen.html), 8 de junho de 2006; cf. Paul Eisen, "Speaking the Truth to Jews", in Prior, *Speaking the Truth*, 202.

Rosemary Radford faz uma ligação ilusória entre o Holocausto e “uma necessidade psicológica especial israelense de atacar os palestinos”,<sup>73</sup> enquanto Elias Zoughbi acusa o governo israelense de conceder licença aos judeus civis para cometer “atos desumanos” contra eles, como “espancar, mutilar, matar, aterrorizar e torturar”.<sup>74</sup> Stephen Sizer usa o livro de Norman Finkelstein, *The Holocaust Industry* (2000), para condenar os judeus por aparentemente explorar o Holocausto;<sup>75</sup> Michael Prior afirma que Auschwitz se tornou para o povo judeu “um lugar onde eles podem se esconder de suas responsabilidades presentes” e “um símbolo que os torna intocáveis”;<sup>76</sup> e Marc Ellis descreve os palestinos como “as últimas vítimas do Holocausto”,<sup>77</sup> sugerindo que é tempo de avançar com o conflito israel-palestino pondo fim à “era de Auschwitz”.<sup>78</sup>

### **A Institucionalização do Palestinianismo Cristão**

Em 1956, o Conselho Cristão do Oriente Próximo (Near East Christian Council — NECC) foi formado como um organismo de coordenação para a missão protestante no Oriente Médio, mudando seu nome, em 1962, para Conselho de Igrejas do Oriente Próximo. Alianças posteriores criadas entre igrejas protestantes e ortodoxas na região deram origem, em 1974, ao novo Conselho de Igrejas do Oriente Médio (MECC — Middle East Council of Churches), a mais antiga organização ecumênica da região. O MECC logo se filiou ao Conselho Mundial de Igrejas (WCC — World Council of Churches), o qual, naquela época, estava liderando a causa da PLO (Organização para Libertação da Palestina), possibilitando que membros de igrejas no Oriente e no Ocidente se unissem em torno de uma política palestina comum.<sup>79</sup>

Durante a década de 1970, muitos protestantes liberais abraçaram a teologia da libertação, do teólogo católico romano Gustavo Gutiérrez, com sua ênfase em justiça social para os oprimidos. Em 1979, cinco mil líderes eclesiásticos dos EUA formularam a *Declaração La Grange*, dando voz à sua oposição ao sionismo cristão e acusando Israel de invasão, confiscação de terras e “tortura brutal”.<sup>80</sup> Em 1982, após Israel invadir o Líbano, a Visão Mundial (World Vision), organização humanitária cristã, abandonou sua política pró-Israel, fato que Wagner descreveu como uma “notável mudança”.<sup>81</sup> Naquele mesmo ano, a Mercy Corps International (Agência Internacional de Ajuda Humanitária) iniciou uma série de viagens educacionais ao Oriente Médio para encorajar os cristãos norte-americanos a reavaliar o apoio a Israel, empreitada que Paulo Merkley descreveu como uma “guinada para os evangélicos dos EUA”.<sup>82</sup> Em 1986, foi fundada a Evangelicals for Middle East Understanding (EMEU), como uma entidade de livre filiação das igrejas e das agências norte-americanas que apoiam os

---

<sup>73</sup> Rosemary Radford Ruether, “*Western Christianity and Zionism*”, in *Faith and the Intifada: Palestinian Christian Voices*, Naim Ateek, Marc H. Ellis e Rosemary Radford Ruether, eds. (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1992), 154.

<sup>74</sup> Zogby Elias Zoughbi, “*Faith, Non-violence, and the Palestinian Struggle*”, in Ateek, Ellis e Ruether, *Faith and the Intifada*, 102.

<sup>75</sup> Sizer, *Christian Zionism*, 21.

<sup>76</sup> Prior, *Zionism and the State of Israel*, 220.

<sup>77</sup> Marc H. Ellis, “*The Boundaries of Our Destiny: A Jewish Reflection on the Biblical Jubilee on the Fiftieth Anniversary of Israel*”, in Ateek and Prior, *Holy Land Hollow Jubilee*, 236.

<sup>78</sup> Marc H. Ellis, *O, Jerusalem! The Contested Future of the Jewish Covenant* (Minneapolis, MN: Fortress Press, 1999), xviii.

<sup>79</sup> Merkley, *Christian Attitudes*, 74-77.

<sup>80</sup> “*The La Grange Declaration*”, in Paul Nadim Tarazi, “*Covenant, Land and City: Finding God’s Will in Palestine*”, *The Reformed Journal*, 29 (1979), 10-16..

<sup>81</sup> Wagner, “*Beyond Armageddon*”, 11.

<sup>82</sup> Merkley, *Christian Attitudes*, 86.

cristãos no Oriente Médio.<sup>83</sup> Também no mesmo ano, Donald Wagner, que foi diretor nacional da Campanha Palestina de Direitos Humanos durante os anos 1980, acompanhou Ray Bakke, do Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial, em “viagens”<sup>84</sup> a Israel e a seis países árabes vizinhos. Em 1995, Wagner estabeleceu o Centro de Estudos do Oriente Médio na Universidade North Park, em Chicago. Em 1999, a Fundação Ecumênica Cristã da Terra Santa (HCEF — Holy Land Christian Ecumenical Foundation) foi formada para levar os cristãos norteamericanos a compreender a situação do povo palestino.

Cada grupo citado acima tem contribuído para o desenvolvimento do movimento palestino cristão, mas sem dúvida seu principal arquiteto é o ex- cônego da Catedral de São Jorge em Jerusalém, Naim Stifan Ateek.

### **O Messias Palestino**

Naim Ateek foi profundamente afetado pela primeira intifada, ocorrida em 9 de dezembro de 1987. Após esse levante palestino, ele publicou *Justice and Only Justice: A Palestinian Theology of Liberation* (1989), que se tornou o catalisador e o assunto do 1º Simpósio Internacional de Teologia da Libertação Palestina, realizado no Instituto Ecumênico de Estudos Teológicos, perto de Jerusalém (10 de março de 1990). O objetivo de Ateek era definir sua nova teologia “no contexto de outras teologias de libertação ao redor do mundo”.<sup>85</sup> Ao buscar uma base bíblica para essa nova escola de pensamento, Geries Khoury descreveu Jesus como “o primeiro teólogo na Palestina que ensinou a teologia da libertação ou a teologia palestina”.<sup>86</sup> Paul Merkley observa que, naquela época, quando a teologia da libertação estava em declínio, cristãos palestinos “rapidamente se mobilizaram” para preencher esse vácuo, “oferecendo uma vívida ‘teologia palestina’ que correspondeu a todo antigo entusiasmo”.<sup>87</sup> Essas visões foram sintetizadas por Elias Chacour, o qual crê que é tempo de “libertar Deus” da descrição sionista cristã, que o apresenta como juiz e executor, e “proclamar ao mundo inteiro a realidade simples e nua: Deus não é cristão!”.<sup>88</sup>

Em seu artigo *Christian Zionism: The Dark Side of the Bible*, Ateek descreve a teologia sionista cristã como “talvez a mais perigosa distorção bíblica que nos desafia hoje” e acusa seus protagonistas de “involuntária e inconscientemente contribuir para a opressão e morte de muitos palestinos inocentes pela ação de Israel”.<sup>89</sup> Ele crê que o *Novo Testamento* “desregionaliza o evangelho”<sup>90</sup> e “dessioniza” o *Antigo Testamento*, descrito por Ateek como um “documento potencialmente perigoso”.<sup>91</sup> Ao vestir o supersessionismo com roupas da teologia de libertação, Ateek alardeou sua recém-criada doutrina numa pregação enunciada na Páscoa de 2001, ocasião em que usou o termo “palestinos” para substituir o vocábulo “judeus”, ao falar sobre a narrativa da Paixão:

---

<sup>83</sup> Donald Wagner, “*Marching to Zion: Western Evangelicals and Jerusalem Approaching the Year 2000*”, in Ateek, Duaybis e Schrader, *Jerusalem*, 77.

<sup>84</sup> Merkley, *Christian Attitudes*, 85.

<sup>85</sup> Sabeel, “*The Beginning of the Center*”, *Cornerstone*, 1 (Primavera, 1994).

<sup>86</sup> Geries Khoury, “*The Palestinian Christian Identity*”, in Ateek, Ellis e Ruether, *Faith and the Intifada*, 73-74.

<sup>87</sup> Merkley, *Christian Attitudes*, 74.

<sup>88</sup> Elias Chacour, “*Empty Tomb and Risen Lord*”, in Ateek, Duaybis e Schrader, *Jerusalem*, 14.

<sup>89</sup> Naim Ateek, “*Christian Zionism: The Dark Side of the Bible*”, *Cornerstone*, 30 (Inverno, 2003), 1-2.

<sup>90</sup> Naim Ateek, “*A Palestinian Theology of Jerusalem*”, in Ateek, Duaybis e Schrader, *Jerusalem*, 98.

<sup>91</sup> Naim Ateek, “*Zionism and the Land: a Palestinian Christian Perspective*”, in Johnston e Walker, *The Land of Promise*, 212, 208.

Aqui na Palestina Jesus caminha novamente na Via Dolorosa. Jesus é o palestino debilitado e humilhado no posto de controle israelense, a mulher que tenta chegar ao hospital para receber tratamento, o jovem cuja dignidade foi destroçada, o estudante que não consegue entrar na faculdade, o pai desempregado que precisa alimentar sua família... Nesta época de Quaresma, parece, para muitos de nós, que Jesus está novamente na cruz, com milhares de palestinos crucificados ao seu redor. É preciso apenas que pessoas com discernimento vejam as centenas de milhares de cruzes espalhadas por toda a terra: homens, mulheres e crianças palestinos sendo crucificados. A Palestina tem se tornado um enorme Gólgota. O sistema de crucificação do governo israelense opera diariamente. A Palestina se tornou o lugar da caveira.<sup>92</sup>

### **Sabeel: o Centro Nevralgico do Palestinianismo Cristão**

Em 1994, Ateek fundou o Centro Ecumênico de Teologia da Libertação Palestina em Jerusalém. Mais conhecido como *Sabeel* (palavra árabe para “caminho” ou “primavera”), esse movimento tem causado impacto enorme sobre teólogos e pacifistas do mundo inteiro. O trabalho do Sabeel e as inúmeras conferências internacionais que têm sido realizadas ajudaram a definir e solidificar o palestinianismo cristão. Ao reunir clérigos, teólogos, políticos e pacifistas do mundo todo, Sabeel conseguiu obter apoio internacional e intensificar seu apelo. Segundo sua declaração de propósitos, o movimento “dedica-se a desenvolver uma espiritualidade baseada em amor, justiça, paz, não violência, libertação e reconciliação para as diferentes comunidades de fé nacionais”.<sup>93</sup> Embora não represente a maioria dos cristãos em Israel, Sabeel é responsável por desempenhar “não pequeno papel”<sup>94</sup> na luta para estabelecer vínculos entre cristãos do Ocidente e o povo palestino.

Antes de sua 5ª Conferência Internacional em Jerusalém, em 2004, Sabeel publicou uma declaração condenando o sionismo cristão por promover “imperialismo colonização, *apartheid* e opressão”.<sup>95</sup> Após a conferência, o *Documento Jerusalém Sabeel* foi publicado, definindo princípios de resistência não violenta consagrados no direito internacional.<sup>96</sup> Sabeel conseguiu se firmar dentro do cristianismo tradicional por intermédio dos meios de comunicação e de organizações como os ministérios Christian Aid e Visão Mundial, atraindo patrocínio para suas conferências por meio do Conselho Mundial de Igrejas, Igreja Presbiteriana (nos EUA) e Igreja da Escócia. Sabeel também opera por meio de seis filiais internacionais, as quais constituem os Amigos Internacionais de Sabeel (IFOS — International Friends of Sabeel). No Reino Unido, a rede de comunicação da IFOS se conecta com organizações como o Fundo Amós, a Bible Lands (Terras Bíblicas), a Christian Aids e The Church Mission Society (Sociedade Missionária das Igrejas). Stephen Sizer é o vice-presidente dos Amigos de Sabeel no Reino Unido.

Por meio de uma série de oficinas, palestras, conferências, acampamentos de jovens e da revista *Cornerstone* (*Pedra Angular*), Sabeel conseguiu se estabelecer como o centro

---

<sup>92</sup> Naim Ateek, “*Jerusalem Easter Message*”, 10 de abril de 2001, <http://www.hcef.org/hcef/index.cfm/mod/news/ID/16/SubMod/NewsView/NewsID/220.cfm>, 9 de junho de 2006.

<sup>93</sup> Sabeel, “*Sabeel Purpose Statement*”, <http://www.sabeel.org/etemplate.php?id=2>, 9 de junho de 2006.

<sup>94</sup> Prior, *Zionism and the State of Israel*, 155.

<sup>95</sup> Sabeel, “*The 5th International Sabeel Conference Statement: Challenging Christian Zionism*”, <http://www.sabeel.org/documents/5thConfStatementfinal.htm>, 9 de junho de 2006.

<sup>96</sup> Sabeel, “*The Jerusalem Sabeel Document: Principles for a Just Peace in Palestine-Israel*”, <http://www.sabeel.org/documents/Jerusalem%20Sabeel%20Document.pdf>, 9 de junho de 2006.

nevrálgico do movimento palestino. O Centro Sabeel também funciona como catalisador para o Instituto de Estudos do Sionismo Cristão (ISCZ — Institute for Study of Christian Zionism), formado por um corpo internacional de acadêmicos cujo propósito “é promover o estudo da história, da teologia e de políticas do sionismo cristão, enquanto oferecem uma visão bíblica não violenta sobre os conflitos envolvendo Israel e Palestina, bem como seu impacto global”. O ISCZ alega que “a ideologia do sionismo cristão transforma as boas novas de Jesus Cristo numa ideologia de cruzada militante que justifica a violência em nome de Deus”.<sup>97</sup> Dois de seus membros fundadores são Stephen e Donald Wagner.

### *Lançando o Desafio*

O palestinianismo cristão está teologicamente enraizado na teologia aliancista reformada, que tem “redefinido”<sup>98</sup> Israel. Como consequência, a igreja é considerada “o verdadeiro Israel”, o “Israel de Deus”,<sup>99</sup> sendo as profecias do *Antigo Testamento* “reinterpretadas”<sup>100</sup> em favor da igreja. Como Colin Chapman explica:

Quando os escritores do *Novo Testamento*, como João, viram o significado da terra e da nação no contexto do reino de Deus que tinha vindo na pessoa de Jesus de Nazaré, eles deixaram de aguardar o cumprimento literal das profecias do *Antigo Testamento* acerca do retorno do povo à terra e acerca da restauração do Estado de Israel. O primeiro e único cumprimento de todas as promessas e profecias já estava ali, diante de seus olhos, na pessoa de Jesus. O modo como eles interpretaram então o *Antigo Testamento* deve ser também a norma para a interpretação cristã atual do *Antigo Testamento*.<sup>101</sup>

Robert Smith afirma que, no *Novo Testamento*, a terra de Israel, Jerusalém e o Templo “são esvaziados de sua importância teológica”.<sup>102</sup> Gary Burge segue o mesmo exemplo ao afirmar que a terra “não possui mais nenhum papel específico a desempenhar no programa de Deus para o mundo”.<sup>103</sup> Os cristãos palestinos clamam por “uma teologia inclusiva da terra”.<sup>104</sup> Ao alegar que as raízes do cristianismo são palestinas, e não judaicas,<sup>105</sup> Elias Chacour apela por “uma nova visão de eleição”:

Temos aprendido por séculos que os judeus são o povo escolhido. Não cremos mais que eles são o povo escolhido de Deus, porque agora temos uma nova compreensão dessa escolha.<sup>106</sup>

É fundamental para a teologia do palestinianismo o repúdio à interpretação sionista cristã de Atos 1.6-8. O palestino cristão olha para o reformador francês João Calvino como o principal

---

<sup>97</sup> “*Evangelicals Challenge Christian Zionists: Contrary to Jesus’ Life and Teaching*,” <http://www.christianzionism.org/News&CommentaryN.asp>, 26 August 2006.

<sup>98</sup> N. T. Wright, *The Climax of the Covenant* (Edinburgh: T.&T. Clark, 1991), 250.

<sup>99</sup> Rantisi and Beebe, *Blessed are the Peacemakers*, 107.

<sup>100</sup> Stephen R. Sizer, “*The Theological Basis of Christian Zionism: On the Road to Armageddon*,” in Ateek, Duaybis, Tobin, *Challenging Christian Zionism*, 63.

<sup>101</sup> Colin Chapman, *Whose Promised Land?* (Oxford: Lion, 2002), 189.

<sup>102</sup> Robert O. Smith, “*Politics, Faiths, and Fundamentalisms*,” in Lutz and Smith, *Christians and a Land Called Holy*, 44.

<sup>103</sup> Gary M. Burge, “*Theological and Biblical Assumptions of Christian Zionism*,” in Ateek, Duaybis, Tobin, *Challenging Christian Zionism*, 54.

<sup>104</sup> Naim Ateek, “Prefac,” in Ateek and Prior, *Holy Land Hollow Jubilee*, xiii.

<sup>105</sup> Elias Chacour, “*A Palestinian Christian Challenge to the West*,” in Ateek, Ellis e Ruether, *Faith and the Intifada*, 87.

<sup>106</sup> Elias Chacour, “*Reconciliation and Justice: Living with the Memory*,” in Ateek e Prior, *Holy Land Hollow Jubilee*, 112.

teólogo defensor da teoria de substituição. Calvino assegura que em *Atos 1.6-8* houve “tantos erros... quanto palavras” na pergunta dos discípulos a respeito da restauração de Israel. Isso, segundo ele, mostrava como os discípulos eram alunos ruins, mesmo tendo um Mestre tão bom” e, portanto, “quando Jesus disse, *mas recebereis poder*, ele repreendeu a imbecilidade deles”. Calvino ainda afirmou que Jesus tentou “livrar suas mentes” do erro comum da nação judaica, que cria que o Messias “reinará neste mundo durante mil anos”. Essa interpretação, ele sustenta, foi “tolamente”<sup>107</sup> adotada pelos premilenistas da Igreja Primitiva. Na 5ª Conferência Internacional da Sabeel, em 2004, Mitri Raheb acusou os discípulos de ter “mentes pequenas”, “nacionalistas” e “cegas”<sup>108</sup> ao fazer aquele tipo de pergunta. Ao expor esses versículos, Donald Wagner parafraseou o comentário de Calvino para nossos dias:

Era como se os discípulos dissessem: “Bem, Senhor, ficamos verdadeiramente impressionados com os milagres que você realizou enquanto fizemos a obra juntos. Também fomos inspirados por seus grandes ensinamentos. E quanto à ressurreição? Foi algo de fato fantástico! Mas não está na hora de você realizar o ‘grande feito’? Não é hora de restaurar o reino a Israel e expulsar os romanos de nossa terra?”. Penso que o Senhor precisou usar todo seu senso de humor naquele momento. Eu posso vê-lo dizer, meio brincando e meio sério: “Não acredito que estou ouvindo isso! Onde vocês estavam nos últimos três anos? Vocês não entenderam nada!”. Então Jesus ficou bastante irritado com os discípulos... Esta é uma mensagem clara do Senhor para os dispensacionalistas futuristas... Aqui Jesus disse aos discípulos para não colocar sua confiança nem dedicar sua energia às profecias do fim dos tempos ou à ideologia militante sionista dos zelotes.<sup>109</sup>

Naim Ateek declara que a leitura da *Bíblia* de um sionista cristão oferece aos palestinos “escravidão e não liberdade, injustiça e não justiça e morte para sua vida nacional e política”.<sup>110</sup> Um dos alvos do palestinianismo cristão “é buscar novas formas de interpretar as *Escrituras*”,<sup>111</sup> as quais, segundo crê, possibilitarão à Igreja Palestina recuperar a *Bíblia*. *Ele explica:*

Quando você estiver diante de uma passagem difícil da *Bíblia* ou em face de um evento contemporâneo que o deixa perplexo, você precisa fazer perguntas simples como estas: isso que estou ouvindo se harmoniza com o modo como conheci Deus em Cristo? Isso se encaixa na imagem que tenho de Deus revelada por Jesus? Isso corresponde ao caráter de Deus que conheci por meio de Cristo? Se sim, então a passagem é válida e tem autoridade. Se não, então não posso aceitar sua validade e autoridade.

De acordo com esse raciocínio, a destruição de Jericó reflete “um entendimento humano de Deus que é totalmente diferente do Deus em Cristo que os cristãos conhecem” enquanto a desapropriação da vinha de Nabod incorpora “a tragédia da Palestina” e representa “o paradigma bíblico central de uma teologia palestina de libertação”.<sup>112</sup> Um argumento

---

<sup>107</sup> *Commentary upon the Acts of the Apostles by John Calvin: Vol. I*, ed. Henry Beveridge (Edinburgh: 1844), 43-48.

<sup>108</sup> Mitri Raheb, “*The Third Kingdom*”, in Ateek, Duaybis, Tobin, *Challenging Christian Zionism*, 265. Como participante dessa conferência, eu questionei Mitri Raheb sobre os comentários feitos por ele, apenas para ser rebatido por Stephen Sizer que citou as palavras de Calvino.

<sup>109</sup> Wagner, *Anxious for Armageddon*, 83.

<sup>110</sup> Naim Stifan Ateek, *Justice, and Only Justice: A Palestinian Theology of Liberation* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1990), 74-75.

<sup>111</sup> Raheb, I am a Palestinian Christian, 59.

<sup>112</sup> Ateek, *Justice, and Only Justice*, 81-88. N. T. Wright, *The New Testament and the People of God* (London: SPCK, 1992), 374-75.

persistente contra o sionismo cristão é que esse movimento não tem autoridade acadêmica. Sendo assim, Colin Chapman lança um desafio e afirma que:

A batalha contra os sionistas cristãos tem sido apoiada por novos eruditos como, por exemplo, N. T. Wright (1996) e Peter Walker (1994, 1996). Será que a qualidade do trabalho desses homens pode ser comparada com a dos sionistas cristãos? Ou não estão estes, ousando dizer, simplesmente repetindo os mesmos velhos argumentos apresentados no passado?<sup>113</sup>

A razão pela qual N. T. Wright, bispo-presidente de Durham, tem sido usado por Chapman para promover a causa palestina é evidente. Wright é um acadêmico famoso e crê que a resposta de Jesus aos discípulos em *Atos 1.6-8* “reafirma a expectativa deles, mas altera sua interpretação” sobre a restauração de Israel. Ele alega que, em Jesus, “o deus de Israel restaurou o reino ao seu povo”,<sup>114</sup> de forma que qualquer noção da “restituição da terra” deve ser descartada. Consequentemente, Jerusalém não tem mais “nenhum significado espiritual”. Wright conclui que o sionismo cristão representa “o equivalente geográfico do... *apartheid* ‘cristão’, e, portanto, deve ser rejeitado”.<sup>115</sup>

Chapman escolheu também Stephen Sizer para defender a causa palestina, afirmando que o livro *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?* “lançou o desafio de tal maneira que exige uma resposta daqueles que apoiam o Estado de Israel por razões teológicas”.<sup>116</sup>

## Conclusão

O palestinianismo cristão é uma imagem invertida no espelho do sionismo cristão. Todos os elementos básicos da escatologia sionista cristã são ali invertidos, de forma que a *Bíblia* é considerada cristã, não judaica; a terra da *Bíblia* é a Palestina e não Israel; o Filho de Deus é um palestino, não um judeu; o holocausto é ressentido, não lembrado; 1948 é uma catástrofe, não um milagre; os judeus são invasores ilegais não proprietários; e a profecia bíblica é um manifesto moral e não um sinal da Segunda Vinda. Apesar do apoio da comunidade teológica e da busca por validação na academia, a motivação principal do palestinianismo cristão é política, não bíblica.

Conforme temos visto, esse movimento reacionário, liderado pela Sabeel, é uma coalizão que abrange colegas estranhos entre si, companheiros cujas perspectivas ideológicas são mantidas em tensão enquanto se unem contra um inimigo comum. A pesquisa acima não apenas mapeou o crescimento do palestinianismo cristão e identificou seus principais protagonistas, mas, ao colocá-lo ao lado do sionismo cristão destacou as diferenças fundamentais que separam os dois movimentos. De modo especial, a natureza inerentemente bíblica e evangélica do sionismo cristão foi contrastada com o caráter inerentemente político e liberal do palestinianismo cristão. No processo, o leitor foi alertado sobre a dimensão desse movimento paraeclesiástico, o qual, cobrindo-se com um verniz de respeitabilidade bíblica, tem obtido grande apoio da igreja evangélica.

O sionismo cristão ensina que o Deus da *Bíblia* é o Deus da história. Por isso, não pode divorciar-se do cumprimento político das profecias relacionadas à restauração de Israel e ao

---

<sup>113</sup> Colin Chapman, “*Ten Questions for a Theology of the Land*”, in Johnston and Walker, *The Land of Promise*, 185.

<sup>114</sup> N. T. Wright, *The New Testament and the People of God* (London: SPCK, 1992), 374-75..

<sup>115</sup> N. T. Wright, “*Jerusalem in the New Testament*”, in Walker, *Jerusalem*, 69, 75.

<sup>116</sup> Christ Church Virginia Water, “*Published Writings*”, 7 Jde junho de 2006.

retorno de Jesus Cristo. Os sionistas cristãos creem que Deus sempre realizou seus propósitos por meio de eventos históricos e do cumprimento da profecia como obra sua. Como veremos, essas visões estão em harmonia com os ensinamentos de John Nelson Darby que cria que o cristão “não deve se misturar”<sup>117</sup> com política, mas que entendeu, pelas *Escrituras*, que o Senhor pode “usar qualquer nação para trazer livramento ao seu povo escolhido, independentemente de seus objetos e situação”.<sup>118</sup> Faraó, Nabucodonosor e Ciro deram testemunho da verdade dessa declaração. Os sionistas cristãos, portanto, rejeitam a acusação de que estão simplesmente manipulando eventos políticos a fim de forjar o cumprimento das profecias.

Como temos visto, o sionismo cristão, ao contrário do que diz Stephen Sizer, não rebaixa Cristo e a Igreja ao destacar Israel. Antes, seu foco em Israel é totalmente centrado em Cristo, interpretando a restauração de Israel à luz da sua volta. Ao fazer isso, retira Israel do cesto de lixo da teologia da Reforma e revela a “bendita esperança”, ou o arrebatamento, da Igreja (*Tt* 2.13).

À medida que focalizarmos nossa atenção em John Nelson Darby, o principal arquiteto e defensor do sionismo cristão, vamos constatar quão irônico é o fato de seus críticos o terem elevado a uma posição que os próprios sionistas cristãos falham em reconhecer. Sou grato a eles por isso. Esse “intransigente paladino na luta em prol da glória e da verdade de Deus”<sup>119</sup> é descrito por Stephen Sizer como “o pai do dispensacionalismo e seu fenômeno”,<sup>120</sup> o sionismo cristão. Michael Prior reconhece que, acima de qualquer pessoa, Darby “lançou os fundamentos para a criação do sionismo cristão evangélico e fundamentalista”<sup>121</sup> e Gary Burge declara que se Herzl foi o pai do sionismo judaico, então “pode-se argumentar que Darby foi o pai do sionismo cristão porque estabeleceu muitos de seus principais fundamentos teológicos”.<sup>122</sup>

John Nelson Darby “é praticamente desconhecido na Igreja da atual geração”,<sup>123</sup> mas diante desses elogios inspiradores devemos perguntar: “Quem é esse teólogo milenarista que parece agora retornar com tanta força?”.<sup>124</sup>

---

<sup>117</sup> Darby, *Letter to E. Maylan* (Montpellier, 24 de março de 1848), L1:130.

<sup>118</sup> Darby, *Reflections upon the Prophetic Inquiry and the Views advanced in it* (1829), CW2:16.

<sup>119</sup> William Kelly, *The Rapture of the Saints: Who Suggested It, or Rather on What Scripture?* (London: T. Weston, 1903), 11.

<sup>120</sup> Stephen R. Sizer, “*Dispensational Approaches to the Land*”, in Johnston and Walker, *The Land of Promise*, 142.

<sup>121</sup> Prior, *Zionism and the State of Israel*, 139.

<sup>122</sup> Burge, “*Theological and Biblical Assumptions of Christian Zionism*”, 46.

<sup>123</sup> Floyd Saunders Elmore, *A Critical Examination of the Doctrine of the Two Peoples of God in John Nelson Darby* (ThD: Dallas Theological Seminary, 1991), 312.

<sup>124</sup> Kent Eaton, “*Beware the Trumpet of Judgement! John Nelson Darby and the Nineteenth-Century Brethren*”, in *The Coming Deliverer: Millennial Themes in World Religions*, ed. Fiona Bowie (Cardiff: University of Wales Press, 1997), 130. [3] John Nelson Darby